



INVESTIGAÇÃO DO FIM DO PROFESSOR A PARTIR DE CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Modalidade: () Ensino (x) Pesquisa () Extensão

Nível: () Médio (x) Superior () Pós-graduação

Área: () Química () Informática () Ciências Agrárias (x) Educação () Multidisciplinar

Autor: Leandro Kingeski PACHECO – Professor de Filosofia do IFC - Araquari.

Introdução

Luckesi (*Filosofia da Educação*, 1994, p. 117) diz que “Ninguém se faz professor, do dia para a noite, sem aprendizagem e preparação satisfatórias.”. Que isto quer dizer? Quer dizer que o professor não nasce sabendo a sua atividade e que, logo, precisa de orientação, de formação e de exercício – com o devido respeito ao tempo de maturação. Ora, a Filosofia, especificamente, a Filosofia da Educação, pode contribuir para pensar tal atividade: a finalidade do professor. Grandes pensadores da história da humanidade, entre eles filósofos, legaram teses sobre como deve ser a atividade do professor. Mas que filósofos foram esses? Que textos se destacam? Que teses podem ser destacadas? Qual o ensinamento dessas teses para a atividade e finalidade do professor de hoje? Enfim – essas são algumas questões que, se respondidas, evidenciam que a Filosofia da Educação pode contribuir para pensar a atividade do professor. O cerne da justificativa da pesquisa ‘Investigação do fim do professor a partir de contribuições da Filosofia da Educação’ está justamente fundado na possibilidade de levantar teses que contribuam para pensar a finalidade do professor. O objetivo geral do projeto foi analisar textos clássicos relativos à Filosofia da Educação e refletir sobre a pertinência das teses na atividade do professor. Os objetivos específicos foram: i) Levantar textos seletos de obras relativas à Filosofia da Educação, considerando uma tradição já disponível, apoio da biblioteca (livros de filosofia) e da internet (base de dados, scielo etc.); ii) Levantar e analisar teses filosóficas (éticas, lógicas, epistemológicas, antropológicas, ontológicas, políticas etc.) que contribuam para pensar a finalidade do professor – a partir de textos seletos de obras relativas à Filosofia da Educação; iii) Construir mitos, raciocínios válidos e raciocínios inválidos relativos ao professor; iv) Evidenciar um problema social, digno de ser enfrentado por todos na sociedade brasileira e atual, capaz de mobilizar intervenção do estudante, com respectiva orientação e supervisão do professor; v) aprofundar o sentido de atitudes filosóficas pertinentes ao estudante, por exemplo, autonomia, reflexão, crítica e criatividade; vi) apresentar e discutir os resultados.



Material e Métodos

Em termos metodológicos, a pesquisa ‘Investigação do fim do professor a partir de contribuições da Filosofia da Educação’ não teve a pretensão da universalidade, embora pretendesse coletar diversas caracterizações relativas ao fim do professor. A pesquisa requereu análise racional, com o intuito de sistematizar logicamente caracterizações pertinentes ao fim do professor. A pesquisa também pretendeu ser radical, ao procurar reiterar ou desvelar aquilo que é fundamental ao fim do professor. A investigação foi monográfica, pois investigou o fim do professor a partir de contribuições da Filosofia da Educação. A pesquisa adotou o método indutivo ao iniciar com análise de textos destacados para levantar teses específicas e pertinentes e que podem ser generalizadas enquanto pertinentes ao fim do professor. Nesse âmbito, as teses foram obtidas pela via bibliográfica e a generalização realizada com apoio da lógica. A fundamentação teórica da pesquisa ‘Investigação do fim do professor a partir de contribuições da Filosofia da Educação’ encontrou amparo na orientação kantiana de que devemos procurar desenvolver o pensar acerca de, muito antes do que treinar e repetir o que tradicionalmente foi disposto e herdado:

O homem pode ser, ou treinado, disciplinado, instruído, mecanicamente, ou ser em verdade ilustrado. Treinam-se os cães e os cavalos; e também os homens podem ser treinados. Entretanto, não é suficiente treinar [...], urge que aprendam a pensar. (KANT, *Sobre a pedagogia*, 1996, p. 27-28).

A atividade do professor, especificamente, também é contemplada pelo treinamento e pelo herdado. Mas será tal marca evidência de seus limites? Não deveria o professor pensar por si, por exemplo, o que, como e por que atuar? O argumento da passagem deve servir de alerta para considerar a tradição, mas também pensá-la, revê-la, atualizá-la e interpretá-la em função da ótica do professor filósofo que está em sala de aula, que pensa a própria atividade profissional e procura adotar um olhar, tanto quanto possível, cada vez mais emancipado. Kant alerta que a falta no pensar pode ser entendida como menoridade, logo e nesse caso, culpa do próprio indivíduo. Sobre a questão o prussiano diz:

Esclarecimento significa a saída do homem de sua menoridade, da qual o culpado é ele próprio. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a sua causa não estiver na ausência de entendimento, mas na ausência de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem a ousadia de fazer uso de teu próprio entendimento. (KANT, *Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)?*, 2005, p. 115).

Ora, em um mundo que proliferem saberes, fazeres e discursos sobre o professor pode ser tentador deixar-se levar pelo que já existe. Contudo, cabe ao professor refletir para além

dos modelos, teorias, práticas e orientações acerca de como educar, compreendendo o ônus e ou o bônus que decorrem de sua atitude esclarecida. Pensar o fim do professor é considerar, também, que a atividade do professor implica risco, por exemplo, por força da ideologia e ou da alienação. Sobre essa última questão a filósofa Aranha expõe:

Os riscos da alienação que ameaçam os profissionais em geral no mundo contemporâneo atingem também os professores, profissionais que desenvolvem um tipo de trabalho intelectual, ou trabalho não-material, muito peculiar. Enquanto, por exemplo, para os intelectuais que produzem obras de arte e livros, a obra do pensamento se encontra separada de quem a produziu, no caso do professor não existe essa separação, já que seu trabalho se desenvolve durante o ato mesmo de se reproduzir [...] Justamente nesse contato com o aluno é que poderia ser inculcada a ideologia e a alienação [...] Nesse sentido, mesmo quando imbuídos de boas intenções, os professores estariam repassando a seus alunos valores que precisariam na verdade ser revistos e criticados. (ARANHA, *Filosofia da educação*, 1996, p. 25-26)

Ou seja e minimamente, pensar o fim do professor implica reconhecer que não basta atuar como professor para formar de fato. Ser professor requer ir além do meramente informar e implica rever a sua própria condição e, nesse contexto, rever também os valores vigentes em prol da formação do estudante. Ainda e especificamente, o professor precisa pensar se não há de sua parte a atitude de reprodução de uma ideologia dominante e ou se seu trabalho está caracterizado pela alienação, logo e especificamente, pelo distanciamento, estranhamento, fragmentação e ou mera transferência – suas marcas mais conhecidas. Essas poucas palavras não têm a mínima pretensão de exaurir a fundamentação teórica, mas destacar que cada um desses fragmentos destacados contém argumentos que não podem ser desconsiderados por aqueles que pesquisam a questão.

Resultados e discussão

Ao procurar atender os objetivos específicos do projeto, foram identificados vários mitos, raciocínios válidos e inválidos relativos ao professor permitiram pensar a condição do mesmo, do ponto de vista lógico e ilógico. Também foram levantados vários problemas sociais capazes de mobilizar intervenção do estudante, com respectiva orientação e supervisão do professor. Ainda foi aprofundado o sentido de atitudes filosóficas pertinentes ao estudante, por exemplo, autonomia, reflexão, crítica e criatividade; conforme o nuance atribuído por respectivo filósofo. Contudo, o objetivo geral da pesquisa foi contemplado, sobretudo, ao analisar textos clássicos relativos à Filosofia da Educação, que permitiram refletir sobre a atividade do professor. Segue lista inicial, não exaustiva com 16 textos levantados pertinentes a 18 filósofos: a *Apologia de Sócrates* de Xenofonte; *A República* de Platão; a *Poética* de



Aristóteles; o *Discurso do Método* de Descartes; *Emílio ou da Educação* de Rousseau; *Sobre a pedagogia* de Kant; *Assim falou Zaratustra, um livro para todos e ninguém* de Nietzsche; *Textos sobre educação e ensino*, de Marx e Engels; *Sobre o ensino da filosofia* de Hegel; *Investigações filosóficas* de Wittgenstein; *Democracia e educação* de Dewey; *Educação e emancipação* de Adorno; *A crise na educação* de Hannah Arendt; *O que quer dizer pensar?* de Heidegger; *A escrita de si* de Foucault e *O que é a Filosofia?* de Deleuze e de Guattari. Em relação aos textos referidos chegou-se a tese comum de pensar a finalidade da educação. Logo, se há alguma pergunta fundamental que pode e deve ser formulada por cada professor para pensar, planejar, rever, executar e avaliar sua atividade é: - Qual é a finalidade da educação? A incidência reiterada dessa pergunta evidencia ser a questão aberta, digna de ser revista hoje e sempre. Também se observou que cada texto pertinente à Filosofia da Educação oferece suporte para responder a questão, por meio de um método específico, com implicações não apenas filosóficas, mas também didáticas. Logo, cada obra referida sustenta possível didática, explícita ou implícita, que pode contribuir para subsidiar a atividade do professor. Se é possível pensar um fim ou finalidade como lugar onde queremos chegar com a educação, cabe reconhecer que também é possível e desejável considerar como chegaremos lá, ou seja, que método ou caminho é pertinente, adequado e frutífero.

Conclusão

Nem todo texto de Filosofia versa diretamente sobre Filosofia da Educação, mas oferece subsídios para pensar a Educação, sobretudo, sua finalidade, identificada de modo explícito ou implícito nas argumentações e nas fundamentações. A finalidade da educação não é dogma, posição cristalizada, nem objeto de consenso. Contudo, se não nos propormos essa questão, toda nossa atividade como professor perde intencionalidade, perde direção.

Referências

- * ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- * ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. 2. ed., São Paulo: Moderna, 1996.
- * ARENDT, Hannah. **A crise na educação**. In: Entre o passado e o futuro. Tradução Mauro W. Barbosa. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- * ARISTÓTELES. Poética. In: **Aristóteles**. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza, 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.



- * DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. 3. ed. Rio de Janeiro: 34, 2010.
- * DESCARTES, René. **Discurso do método.** In: Descartes. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- * DEWEY, John. **Democracia e educação.** Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- * FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **Ética, sexualidade, política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- * HEGEL, G. W. F. **Sobre o ensino da filosofia.** Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia, 2008.
- * HEIDEGGER, Martin. O que quer dizer pensar? In: **Ensaio e conferências.** Tradução de Gilvan Fogel. Petrópolis: Vozes, 2001.
- * KANT, I. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)? **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos.** [A obra prima de cada autor], Tradução de Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- * KANT, I. **Sobre a pedagogia.** Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: UNIMEP, 1996.
- * LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1994.
- * MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino.** Campinas: Navegando, 2011.
- * NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. In: **Nietzsche.** Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- * PLATÃO. **A República.** Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1949.
- * ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação.** Tradução Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- * WITTGENSTEIN, L. Investigações filosóficas. In: **Wittgenstein.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- * XENOFONTE. Apologia de Sócrates. In: **Sócrates.** Traduções de Jaime Bruna, Líbero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.